



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

RELIGIÃO PARA ATEUS

Religion for atheists

Marcio Gimenes de Paula¹

Resenha de: BOTTON, Alain de. *Religião para ateus*. Tradução de Vitor Paolozzi.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

Alain de Botton já é conhecido do público brasileiro, especialmente por suas obras consagradas como *Consolações da Filosofia*, *Como Proust pode mudar sua vida*, *A Arte de viajar*, *Arquitetura da Felicidade*, entre tantas outras. A despeito de sua sólida formação, numa das mais prestigiadas universidades europeias como a de Cambridge, Botton opta deliberadamente pela divulgação de temas filosóficos nas mídias atuais e não se preocupa com uma filosofia acadêmica ao estilo universitário. Por isso seus ensaios são, em geral, bastante polêmicos e, ao mesmo tempo, atingem o seu objetivo, isto é, alcançam o grande público por meio de textos muito bem redigidos, com linguagem simples, clara e que pode interessar a qualquer leitor comum. Daí, talvez, se possa explicar seu sucesso e o quanto suas obras costumam rapidamente alcançar a posição de *best-sellers*.

Não acontece de modo diferente com a sua última obra, agora traduzida no Brasil. *Religião para ateus* possui a mesma intencionalidade das suas demais obras. Botton não se furta aqui em manifestar-se acerca de um tema tão espinhoso quanto polêmico. A obra começa com uma reflexão de cunho pessoal: o autor, confessadamente ateu e formado num lar bastante secularizado, deixa claro seu objetivo de contestar as teses do ateísmo mais recente a despeito de sua posição pessoal. Segundo ele, tal ateísmo atual (e podemos aqui pensar em autores como Dawkins, Sam Harris, Christopher Hitchens, Daniel Dennet, entre outros) não é justo em sua crítica ao teísmo e por isso precisa de uma correção, até mesmo para seu próprio bem.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, Brasil. Professor adjunto do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, Brasil. Contato: marciogimenes@unb.br

Mesmo partindo de uma posição claramente secularizada, Botton acredita que é possível discutir e levar em conta, sem preconceitos acadêmicos e iluministas, os valores morais e intelectuais preconizados pelas religiões. Ele analisa, em pequenos apontamentos, tal coisa a partir da herança cristã (tanto católica como protestante) e, em menor escala, a partir do judaísmo e do budismo. Não fortuitamente, a obra é dividida em dez pequenos capítulos, fartamente ilustrados, como já é costumeiro em sua obra. São eles: 1) sabedoria sem doutrina; 2) comunidade; 3) gentileza; 4) educação; 5) ternura; 6) pessimismo; 7) perspectiva; 8) arte; 9) arquitetura; 10) instituições.

No capítulo sobre a sabedoria sem doutrina, Botton defende a tese de que não há nenhuma religião que tenha vindo do céu e, nesse sentido, todas elas são construtos humanos. Até aqui não parece haver nada de novo. Os mais diversos pensadores, desde a Grécia antiga até o século XIX, já chegaram a tal conclusão. Feuerbach (não citado aqui e em momento algum do texto) talvez tenha sido o mais célebre entre eles. Tal ponto para o autor é pacífico e sem maiores discussões. O problema é quando se almeja discutir provas para a existência de Deus ou se deseja provar se tal religião é mais ou menos legítima do que outra. Tal coisa, segundo ele, também é impossível. As religiões, segundo ele, são úteis e conseguem juntar milênios de sabedoria, vida teórica e prática e, nesse sentido, talvez alcancem o que nenhuma outra instituição conseguiu até os dias atuais. Tal pista também já aparece em autores como John Stuart Mill, especialmente na sua obra *A utilidade da religião*. É bem verdade que, ao contrário do que ocorreu com Feuerbach, Mill é citado diretamente na obra, ainda que esse ensaio especificamente não seja mencionado.

O capítulo segundo, sobre a comunidade, é, talvez, um dos mais densos e interessantes do livro. Nele, o autor afirma um ponto muito comum ao posicionamento religioso que é a importância da comunidade. De certo modo, tal tema é secularizado e boa parte do que conhecemos hoje como política e vida social advém de tal herança. Contudo, para Botton, tal temática é central nas religiões e, em geral, notadamente com o advento da modernidade, acabam por perder seu espaço à medida que o indivíduo é mais destacado do que a comunidade. Há aqui uma reflexão bastante estimulante sobre os desafios de se firmar enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, não negligenciar os aspectos comunitários da vida. Há ainda um importante desenvolvimento sobre a religião e as neuroses, pois, segundo o autor, um dado tipo de catolicismo medieval previa uma *feira dos loucos* anualmente e nela eram catalisadas todas as pulsões e tensões. Tal debate parece profícuo e certamente demandaria ainda maior aprofundamento. Freud está ausente, mas seria muito interessante se o autor o convocasse nesse momento para, inclusive, fazer a sua crítica.

A gentileza é o tema do terceiro capítulo. Nesse tópico há, talvez, a principal aproximação com a concepção de Mill acerca da utilidade da religião. O confronto aqui claramente exposto é acerca de uma concepção libertária, que parece dispensar todas as regras, e a concepção normativa das religiões. Botton explora o quanto tal concepção presente nas religiões é fundamental para o bom funcionamento da sociedade.

O capítulo quarto, sobre a educação, é também um dos mais densos da obra. O tema é, sem sombra de dúvida, fundamental em todas as religiões. Contudo, além

de explorar uma relação óbvia entre as religiões e suas respectivas práticas educativas e formativas, o autor opta por desenvolver, nas diversas concepções, o lado que congrega teoria e prática. Em outras palavras, as religiões não são apenas uma espécie de sabedoria que serve para ocupar museus, mas serve para uma aplicabilidade prática. O fiel pode sair diretamente do banco da sua igreja no domingo para os desafios da semana, que se inicia sem muitas especulações.

A ternura, tema do capítulo quinto, aparece na face das religiões analisadas por Botton. Aqui, com especial apreço pela figura feminina e notadamente pelas imagens da Virgem Maria, o autor desenvolve toda uma argumentação acerca do lado maternal e terno das religiões. Segundo ele, elas se constituem em refúgio num mundo conturbado e sem grandes explicações que deem um sentido da totalidade. Há um belo desenvolvimento poético, que certamente mereceria um aprofundamento ainda mais elaborado.

Pode parecer estranho que num livro que almeja dissertar sobre a religião (e fazer uma apologia dela) para os ateus haja um capítulo acerca do pessimismo. Contudo, isso não é descabido e é efetivamente explorado no capítulo sexto. O pessimismo pode ser entendido aqui também como o limite da reflexão humana, isto é, até onde uma pessoa pode alcançar, pela razão, sua compreensão acerca do divino e onde isso não é mais possível. O cristianismo, por exemplo, desde Pascal e passando por tantos pensadores instigantes, sempre se caracterizou por seu flerte com um dado pessimismo cético. Em tal capítulo, pode-se certamente vislumbrar que a fé é uma espécie de certeza cercada de dúvida por todos os lados. Tal como a sentida ausência de Freud no segundo capítulo, percebe-se aqui claramente a ausência de Kierkegaard, um dos pensadores mais paradoxais do cristianismo do século XIX.

O sétimo capítulo, com o curioso título de perspectiva, coloca em realce o debate milenar entre ciência e religião. Aqui aparece a história de Jó e o quanto é inexplicável o sofrimento, dado que ele também não foi ainda esclarecido por nenhuma abordagem científica. Aparece também o filósofo judeu Espinosa, que sabia que as coisas divinas – e aqui se inclui tudo o que há no mundo – não podem ser vistas de outro modo senão pela *sub specie aeternitatis*. Infelizmente esse é um capítulo curto, que precisaria de um maior desenvolvimento, mesmo para uma obra que almeja discutir temas de modo não acadêmico.

A arte é o tema do oitavo capítulo. Segundo Botton, trata-se de um tema que mesmo o mais apaixonado dos ateus não pode negar ao cristianismo. Por exemplo, como é possível negligenciar séculos de arte ainda que não se concorde com seus conceitos teológicos ou filosóficos? Aqui há um denso desenvolvimento e bastante instigante. A importância da arte, notadamente no catolicismo, é comparada aqui com um dado racionalismo protestante muito pouco afeito ao ideal das imagens e representações. Trata-se de um capítulo que ainda toca em temas de arte secularizada e desenvolve com competência sua proposta.

Já o nono capítulo é bem encadeado logo após a discussão precedente sobre arte e, não sem propósito, trata da temática da arquitetura, que Botton tanto aprecia e já tratou em trabalhos exclusivos. A discussão sobre a beleza de onde se vive e de onde se pratica os atos devocionais é aqui retomada com muita propriedade. Nessa

seção, são recuperados autores antigos como Plotino, por exemplo, bem como o debate acerca da perspectiva da arte entre catolicismo e protestantismo, montando-se um mosaico bastante interessante. Para Botton, há algo no espírito religioso que almeja a beleza e, nesse sentido, não se pode apenas acusá-lo meramente de uma estética do sofrimento ou coisa do gênero.

Por fim, o décimo capítulo disserta acerca das instituições. Há aqui, talvez, algo que poderíamos denominar de uma espécie de sociologia das organizações. O intuito aqui é demonstrar que, mesmo que sejamos ateus, não podemos deixar de reconhecer o sucesso de gestão que é o modelo de administração das religiões, notadamente o catolicismo. Padrões claros, normas e coisas do gênero sobrevivem aos séculos de mudanças no mundo e se firmam como algo que merece confiança aos olhos das pessoas. Por aqui segue a argumentação do autor e há, inclusive, uma comparação: os seguidores de Comte, ao tentarem construir uma religião da humanidade, não deixam de seguir, de modo secular, o mesmo tipo de organização já preconizado pelos religiosos.

A edição da obra é bem cuidada e repleta de boas ilustrações. A tradução parece esmerada e a temática certamente despertou e continuará a despertar múltiplos interesses. A título de sugestão fica apenas um desejo de um maior aprofundamento de alguns temas que são tocados pelo autor, mas não explorados mais efetivamente. Penso que a filosofia ganha com tal tipo de comunicação e, mesmo sem ter explicitamente um objetivo acadêmico, tal perspectiva ajudaria profundamente num debate tão importante quanto necessário. As críticas ao ateísmo possuem boa base, mas também precisariam de maior desenvolvimento, sob pena de caírem na vala comum de algumas críticas superficiais. De todo modo, tal livro pode ser um alento num tempo em que a humanidade parece ter que optar entre fundamentalismos de toda sorte, quer sejam eles religiosos ou ateus.